

## A BIOLOGIA EDUCACIONAL E A HIGIENE ESCOLAR NA DÉCADA DE 1940: A (IN)VISIBILIDADE DAS DIFERENÇAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

André Morando<sup>1</sup>  
Nadia Geisa Silveira de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Nesse artigo analisamos o livro intitulado *Biologia Educacional: noções fundamentais*. Essa obra foi utilizada como livro didático nas Escolas Normais, do Brasil, a partir do final da década de 30 do século passado. Pela perspectiva foucaultiana, examinamos e problematizamos a rede de enunciados, do higienismo, da medicina social e da educação escolar primária, presente no funcionamento da Escola Normal através da disciplina biologia educacional. Os enunciados veiculados no livro funcionam como estratégias de governo, de corpos e de condutas vinculadas ao saneamento dos problemas econômicos do país, tendo a futura professora primária e os alunos da zona rural como alvos e ferramentas da transformação econômica e social.

**Palavras-chave:** Biologia Educacional; higiene; biopoder.

### The biologic and hygienic education in the 1940's: the (in)visibility of differences in Brazilian education

**Abstract:** In this article we analyze a book entitled *Biologia Educacional: noções fundamentais*. This work had been used as a textbook in the Normal Schools of Brazil since the late 1930s. From the foucaultian perspective, we operate with the concept of discourse as a tool of analysis to know the network of statements of hygiene, social medicine and primary school education in operate at Normal School from the discipline biologia educacional. The statements provided in the book function as government of conduits and bodies linked to the improvement of the economic problems of the country, having the primary school teacher and future students from rural area as targets and tools of economic and social transformation.

**Keywords:** Biologia Educacional; hygiene; biopower.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [andremorando@yahoo.com.br](mailto:andremorando@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [nadia.gs@terra.com.br](mailto:nadia.gs@terra.com.br)

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em seus estudos, Michel Foucault vai nos falar da entrada do corpo e da vida em maquinarias de poder<sup>3</sup>. Segundo a ação do poder direciona-se a dois domínios da vida humana. O primeiro atravessa o corpo [a disciplina], pensado a partir da noção de funcionamento de uma maquinaria, principalmente, a partir do século XVII. As técnicas do poder direcionadas ao corpo buscavam o seu controle e adestramento para a criação e ampliação de suas capacidades produtivas. Para tanto, o corpo precisava ser submetido e docilizado, tornar-se um corpo útil para o sistema [escola, indústria, quartel] onde se encontrava inserido. O segundo trate-se do direcionamento do poder sobre a vida [o biopoder] da população. A partir do século XVIII, num processo crescente de urbanização das cidades europeias, torna-se necessário conhecer e regular os fenômenos biológicos próprios das populações. Disso, decorreu a criação e a organização de saberes e de mecanismos de poder, que se articularam com a função de governar tanto o corpo do indivíduo quanto a vida da população. Tendo como finalidade a constituição e o fortalecimento dos Estados Nações.

Diante disso, tais entendimentos levaram-nos a analisar nesse artigo, como as técnicas de governo foram colocadas em funcionamento nas Escolas Normais através de enunciados de saúde pública, da escola primária, da educação escolar e do livro didático a fim de produzir a transformação da população, pela produção de um tipo específico de sujeito cidadão. Cabe ressaltar que o ideal de cidadão e cidadania, sofre rearranjos de acordo com cada momento histórico e, de modo geral, está vinculado ao cenário político e econômico do país. Assim, examinamos o momento histórico do Brasil, no qual se pensava uma (re)estruturação da república: a República Nova, (re)estruturada com a chegada de Getúlio Vargas à presidência do governo federal em 1930. O cidadão ideal, na nova república, era pensado como patriota, civilizado, trabalhador e técnico tendo por meio da educação escolar, condições para contribuir com a transformação da sociedade (SANTOS,1985).

---

<sup>3</sup> Segundo Foucault, o poder (singular) se refere a uma força sobre um corpo, ou seja, estaria relacionado à violência. Nesse artigo escrevemos na perspectiva do poder capilarizado não unitário nem unidirecional, dessa forma esse viés se alinha a um conceito foucaultiano de jogos de poder com múltiplas relações de forças que se estabelecem em redes. Sendo assim, não há poder ou exercício do poder, uns sobre os outros, porque não há como fixar papéis para esses uns e esses outros (REVEL, 2005). Assim, neste artigo, para relações de poder entre o Estado (Estado com uma composição de forças, que articuladas visam o governo da vida da população), a Escola Normal, a professora primária e o sujeito caipira. Foucault nos fala sobre o poder sobre a vida, seja nos domínios do corpo, seja no nível da espécie ou população humana, nas obras: História da Sexualidade: a vontade de saber (FOUCAULT, 1999) e Em Defesa da Sociedade (FOUCAULT, 2005).

Nesse sentido, a escola, para atender aos ideais da nova república precisava (re)atualizar seus objetivos, seu currículo, seus métodos e seu corpo docente para que seus esforços produzissem um novo cidadão brasileiro (HOCHMAN, 2005). A nova república e a nova escola<sup>1</sup> estavam atravessadas por um cenário político e econômico marcado pelo aumento da industrialização, pela falta de mão de obra especializada para a indústria e pelo monopólio estatal (SANTOS, 1985). Apesar do potencial da indústria e da oferta de emprego a vida dos brasileiros e das brasileiras era precária, a população era carente no tocante às políticas sociais, principalmente na saúde pública. No regime varguista os conhecimentos biomédicos e do poder público avançavam a passos largos, no entanto, inúmeras doenças como malária, verminoses, febre amarela, hanseníase e, principalmente, a tuberculose ganhavam proporções de epidemias e de forma mais acentuada nos sertões esquecidos do Brasil (HOCHMAN, 2005).

Assim, políticas públicas direcionadas à saúde adquiriam condições de urgência para o novo governo e, no interior do país, tais necessidades eram ainda maiores, pois era praticamente desassistido por profissionais da saúde. Diante dessas demandas, podemos pensar na utilização da Escola Normal, pelo Estado, como estratégia para sanar as carências sociais da saúde pública no Brasil. Segundo Santos (1985), o movimento sanitário [advindo de 1918], apontava para a falta de educação higiênica, vista como o motivo do atraso do progresso brasileiro, pois atacava diretamente o trabalhador, que doente não produzia. A biologia do ser humano e a higiene atuaram, naquela época, como ferramentas para pensar uma possível reformulação da educação, na qual a educação escolar ofereceria meios para o aluno cuidar de seu corpo e do ambiente onde vivia. De acordo com Viviani e Marchan (2008), para que essa suposta reformulação ocorresse, a professora, principalmente, a primária deveria ser capacitada cientificamente. Nesse sentido, essa capacitação buscava subsidiar a docente a produzir meios para ensinar [ao mesmo tempo que também era ensinada] aos alunos e às alunas a cuidarem de seus corpos, bem como, autovigiar as suas condutas e a dos outros, tendo a educação higiênica como técnica pedagógica.

Essa articulação saúde-higiene, escola e Estado a partir do discurso médico-pedagógico pode ter gerado condições para a criação da disciplina de

---

<sup>1</sup> Referimos-nos à Escola Nova: Para Gadotti (2006) o Movimento pela Escola Nova visava uma reformulação da educação, voltada não somente na transmissão de conhecimento e na memorização, mas sim visando a transformação social. A Escola Nova, no Brasil ganha espaço a partir da década de 1930, coincidentemente, em um momento de reforma da república brasileira, frente ao governo de Getúlio Vargas.

Biologia Educacional, no currículo das Escolas Normais. Assim, através da formação de professores e professoras da escola primária seriam levados, tanto para os centros urbanos quanto para o interior desassistido do Brasil, os preceitos da higiene, da biologia do corpo e do cuidado. A própria criação do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1930, nos dá pistas e nos permite inferir que a entrada do componente curricular Biologia Educacional, na Escola Normal, a partir de 1933, como exposto por Viviani (2010), não ocorreu ao acaso. A articulação entre a Biologia Educacional, a educação escolarizada e a saúde pública atuava como um mecanismo de controle [e apaziguamento das demandas sociais] e regulação da vida do sertanejo, sendo a professora primária a personificação do Estado [por vezes a única] nos rincões do Brasil.

Nessa direção, de acordo com Foucault (2005), no decorrer do século XVIII e XIX, na Europa um conjunto de procedimentos estatísticos deram condições para o surgimento da higiene pública como campo da medicina. Enquanto um problema de governo da população a doença instalava-se como um fenômeno permanente, não como a epidemia que ceifava a vida abruptamente, mas como condição que a corroía silenciosamente, subtraindo a força de trabalho da população. A medicina detinha [e detém] um saber-poder, sobre vida e a saúde-doença da população, endereçando ações, sobretudo campanhas pelo viés da higiene (FOUCAULT, 2005). A partir desse entendimento, a posição de destaque dos médicos tornou-os autoridades para a escrita de materiais que prescreviam a adoção de hábitos necessários de vida e saúde. Em forma de cartilhas, pequenos manuais ou almanaques o discurso médico-pedagógico era direcionado a públicos específicos como trabalhadores, futuras mães, camponeses, alunos e tantos outros. Sendo assim, neste artigo, analisamos um desses materiais, o qual apresentamos a seguir.

## ***CORPUS E FERRAMENTAS***

O livro *Biologia Educacional: noções fundamentais* foi escrito pelo professor Antônio Almeida Junior (1939), formado professor normalista em 1909 e médico em 1921, doutorando-se em medicina em 1922. O autor foi partidário do Manifesto dos Pioneiros para a Educação Nova de 1932. Também foi um dos autores do projeto de criação da Universidade de São Paulo e diretor do ensino público do estado de São Paulo entre 1935 e 1938 (GANDINI, 2010). De acordo com a autora Viviani (2010), a preocupação de Almeida Junior, estava na formação de professores, pois, para ele, os futuros docentes precisavam de capacitação para levar a transformação social para os

mais distantes povoados do Brasil, uma vez que, ele considerava a condição social e o atraso econômico do país efeitos das situações ambientais e sanitárias da população brasileira

O livro, nesse estudo, constitui-se como um manual de normas, pois prescreve saberes sobre saúde e educação, imbricados na produção tanto do sujeito aluno da zona rural quanto da professora primária. A primeira edição do livro ocorreu no ano de 1939 e a última, a 22<sup>a</sup>, em 1969. Neste artigo, analisamos a 2<sup>a</sup> edição, datada de 1944. A importância deste livro, na formação de professores, nas Escolas Normais brasileiras, é evidenciada por vários autores [PINHEIRO, 1993; VIVIANI 2005; VIVIANI; MARCHAN, 2008], tal como apontam as autoras Viviani e Bueno (2006), no seguinte excerto:

A publicação do livro didático de autoria desse autor, em 1939, constituiu-se em marco fundador de uma tradição de ensino que caracterizou fortemente a disciplina, ainda que a partir da década de 1950 tenham surgido outros direcionamentos para o corpo de saberes e práticas que se construiu em seu âmbito e por seu intermédio (VIVIANI; BUENO, 2006, p. 44).

Entendemos a referida obra como um arquivo<sup>5</sup> histórico, de (re)construção de elementos de uma época a partir da sua narrativa, a qual orientou um modo possível de ser professor e uma maneira de produzir um sujeito educado. Sendo assim, entendemos a obra não somente como um documento histórico, mas também numa perspectiva foucaultiana de monumento, ou seja, aquele documento que preserva, de certo modo, uma memória coletiva, investida de esforços na sua produção. Portanto, precisa ser analisado pela sua exterioridade, fora da lógica interna do enunciado, olhando as enunciações, as práticas, as condições de possibilidade para se dizer de um modo e não de outro (VEIGA-NETO, 2007).

Assim, analisar o discurso numa perspectiva foucaultiana torna-se investir esforços para dissecar a trama discursiva e mostrar que a mesma resulta de uma rede complexa de saber/poder que permite que certos discursos apareçam e atuem num determinado tempo, e outros não. Por exemplo, quando, no livro analisado, o autor afirma: “O professor primário vai à roça, aos mais recônditos sertões do Estado, e fica de bom ou de mau grado, de fevereiro a novembro,

---

<sup>5</sup>Na perspectiva foucaultiana, arquivo é o conjunto de regras que regem o aparecimento e desaparecimento de enunciados numa cultura em um determinado momento histórico (REVEL, 2005). Dessa maneira, nesse artigo, o livro *Biologia Educacional: noções fundamentais* se constitui um arquivo histórico para essa análise pois nos permite olhar para as condições que permitiram a disciplina *Biologia Educacional* acontecer.

como sentinela avançado da civilização” (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 557), são colocados em funcionamento enunciados, tais como: a invisibilidade feminina, quando o autor se refere ao professor no masculino. Embora o livro fosse endereçado às estudantes normalistas e eram as mulheres que se deslocavam para as escolas do interior do país; o papel do professor como missionário, aquele que exerce o que lhe é determinado de bom ou mau grado.

De modo geral, o livro é dividido em duas partes: a primeira descrita como Fundamental, articula as noções do surgimento da vida, da evolução das espécies, da genética, da mesologia [relação entre hereditariedade e ambiente, atualmente, a essa relação denominamos genótipo e fenótipo] e da atividade funcional [fisiologia]. A segunda parte da obra é chamada de Aplicação, e subdivide-se em eugenia [melhoramento da população pela genética] e eutecnia [melhoramento da população pela educação higiênica]. Dessa forma, na análise apresentada neste artigo, examinamos o capítulo Higiene e Educação, [o qual integra a secção da eutecnia]. Além do referido capítulo, analisamos também o prefácio do livro, para buscar pistas da intencionalidade da obra, bem como dos possíveis endereçamentos.

Ao nos debruçarmos sob as secções citadas acima, investimos esforços para conhecer e problematizar os enunciados do higienismo, da medicina social e da educação escolar primária presentes no funcionamento da Escola Normal, configurando a educação higiênica como um mecanismo de governo das condutas e dos corpos. Para tanto, selecionamos trechos do livro que funcionam como verdades, os quais se encontram destacados e limitados por bordas. Na análise não nos interessa se os saberes veiculados, no livro *Biologia Educacional*, eram verdadeiros ou falsos, mas sim, a regularidade e dispersão dos enunciados que ensinavam e produziam um modelo de docência e um entendimento parcial de zona rural, bem como uma concepção da professora primária e do aluno [higiênico, educado e cidadão eficiente<sup>6</sup>] aqui, entendidos como alvos e ferramentas da disciplina e do biopoder.

---

<sup>6</sup> De acordo com o livro *Biologia Educacional* a concepção de eficiente estava ligada à saúde ou ainda, a capacidade do aluno e da aluna aprender por meio da educação higiênica a cuidar da sua saúde e do seu corpo. O termo saudável não é dessa época, mas aqui podemos traçar aproximações com a noção de eficiente. No entanto, é importante ressaltar que ao se referir ao cidadão eficiente, o autor não se restringe a noção de corpo sadio, mas alarga o sentido agregando uma perspectiva de moral ou de supostos bons costumes.

## O ENDEREÇAMENTO DO LIVRO

Ao iniciar a análise pelo prefácio do livro nos possibilita conhecer não somente os direcionamentos ou endereçamentos do livro, mas também as expectativas ou a intencionalidade daqueles discursos presentes na obra. Diante disso buscamos por pistas que nos permitam saber as possíveis condições implicadas na emergência da Biologia Educacional naquele tempo. Assim, ao lermos a abertura da obra percebemos que o autor apresenta o livro como um instrumento de “melhoria das capacidades” (ALMEIDA JUNIOR, 1994, p. 6) dos professores e professoras [tidas como inatas segundo o autor], pois de maneira geral Almeida Junior percebia que a ineficiência do magistério se dava pelos baixos investimentos do Estado. O futuro docente precisaria, segundo o autor, estar em contato com intercâmbios culturais, com a literatura e com as inovações científicas e o livro faria essa suposta ponte entre a técnica e a cultura geral. A cultura geral a qual o autor se refere, advém sobretudo, de países historicamente desenvolvidos, pois os índices, as estatísticas ou as medições ótimas que o professor utilizou para dar veracidade as prescrições presentes no livro são estrangeiras<sup>7</sup>. Esse posicionamento do autor pode ser visto nos excertos:

Escrevi um livro brasileiro, para o Brasil, e, quando me foi possível, relatei as doutrinas como os fatos e problemas nacionais. Entretanto, nem sempre consegui isentar-me da exemplificação estrangeira. Justifico-me, de um lado, com as deficiências das nossas publicações biológicas e também das nossas estatísticas e, de outro, com a ausência quase completa de intercâmbio cultural entre os que, no Brasil, cuidam de problemas educacionais (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 6)

Qualidades inatas e formação técnica são indispensáveis, mas não bastam. Tarefa de natureza complexa, essencialmente espiritual, a educação exige do professor uma cultura geral sólida e variada, haurida no convívio diuturno com literatura e com a ciência. E isso tanto para aperfeiçoar-lhe a técnica como para

---

<sup>7</sup> Os dados utilizados no livro no que diz respeito às doenças parasitárias, de morbidade, mortalidade, saneamento tidos como padrões ou ótimos, advém de países como Bélgica, Inglaterra e Estados Unidos.

fornecer-lhe a matéria prima substancial e pura (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 6).

Em ambos os excertos, alguns elementos se destacam como a baixa divulgação científica do Brasil, a falta de dados estatísticos da população e a formação técnica deficitária dos professores e das professoras. Assim, no segundo excerto o professor Almeida Junior afirma que a formação do professor depende da vivência com a ciência e com a cultura geral. Dessa forma, podemos inferir que, sendo a produção e divulgação científica do país carente e não havendo intercâmbio cultural dos profissionais da educação, a solução para o problema poderia estar em experiências ou modelos estrangeiros<sup>8</sup>. Nesse sentido, o problema da educação não era somente de qualidade, mas também um problema social que abarcava a formação docente, a formação do aluno, a produção científica e industrial do país.

A partir de autoras como Gandini (2010) e Viviani (2007) Almeida Junior propunha outro olhar para a formação de professores e para a qualidade do ensino do país [principalmente o que diz respeito à educação higiênica], buscando uma mudança epistemológica e constituindo uma nova intencionalidade da educação brasileira, voltada para o desenvolvimento industrial e, por conseguinte econômico e social. Nesse sentido, a disciplina Biologia Educacional, na Escola Normal, seria como nas palavras do autor “uma ciência a serviço da educação” (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 16) ligado a um novo ideal educativo, que o autor define do seguinte modo:

Para ela [Biologia Educacional] e dentro apenas de seu domínio, o ideal educativo pode expressar-se em apenas duas palavras que se complementam: saúde - tanto do corpo como do espírito, - e eficiência, que é um pouco mais que saúde, porque significa a saúde em ação (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 16).

---

<sup>8</sup> Na biografia de Almeida Junior escrita por Gandini (2010) encontramos elementos que mostram que Almeida Junior. compartilhava das proposições do modelo Educacional de Dewey, estando ligado desde os anos de 1920 ao movimento reformador da educação. Esse movimento fortemente, ligado a corrente pedagógica da Escola Nova [escola progressista proposta, sobretudo, por John Dewey nos Estados Unidos] a qual visava romper as doutrinas da educação tradicional no Brasil. Assim, o movimento dos reformadores tinha como ideal da educação para o desenvolvimento social e industrial do país (SAVIANI, 2008).

Nesse sentido a *Biologia Educacional* opera como uma estratégia para o disciplinamento ao prescrever condutas para os sujeitos a partir de saberes da saúde e da vida. A noção de eficiência ou a saúde em ação aparece em vários trechos da obra e sobretudo, no capítulo que trata da eugenia. Nesse sentido, a educação higiênica complementar a eugenia. Num outro olhar, a eutecnia poderia agir também por outra linha de ação, tal como a de disciplinar aqueles e aquelas que escapam à [suposta] genética ruim, mas encontram-se em um meio desfavorável como os sujeitos da zona rural, por exemplo. Trazemos um excerto do capítulo sobre a educação eugênica, o qual nos dá pistas para conhecer como o sujeito não eficiente era inscrito na sociedade:

Importância social. Não se pode deixar de reconhecer o grave prejuízo que causam os oligofrênicos<sup>9</sup> à vida social. Quando produzem serviços úteis (o que não é a regra), produzem menos que os outros. Quase sempre vivem como parasitos. Entre eles encontram-se os mendigos, os que “nunca acham emprego”, certos tipos de criminosos, os bêbados, os vagabundos, os imorais. Cadeias, asilos, hospitais abrigam grande número de oligofrênicos. Se estes não existissem, ou se o seu número reduzisse, muitos problemas sociais desapareceriam ou teriam a solução facilitada (ALMEIDA JUNIOR, 1939, p.524).

Nessa direção a eficiência estaria ligada ao exercício da cidadania, principalmente, no que toca ao trabalho sendo assim, a *Biologia Educacional* seria uma importante aliada na supressão dos não eficientes operando pelo viés da eutecnia. A eutecnia forneceria aos e às educadoras(es) os princípios para higienizar o ambiente, o corpo e as condutas dos sujeitos. Segundo Viviani (2007), o professor Almeida Junior possuía forte influência do eugenismo, no entanto, acreditava que, por mais que a herança genética fosse deficitária, a educação higiênica na escola seria capaz de extrair o máximo de civilidade do indivíduo. Nesse sentido, uma ação pedagógica renovada e engendrada à eutecnia possibilitaria instrumentalizar o professor e a professora primária para melhorar a condição biológica e, por conseguinte, intelectual do educando por meio de práticas de higiene, da nutrição e do condicionamento físico, produzindo por fim um sujeito eficiente. Essa suposta forma de moldar os sujeitos aparece no seguinte excerto:

---

<sup>9</sup> Oligofrenia segundo Almeida Junior (1944) é uma condição de deficiência mental que pode se desenvolver pela ação do meio (adquirida) ou pela ação dos genes. O autor também trata como debilidade de espírito.

Biologia Educacional é o estudo das causas biológicas que determinam as diferenças e as variações individuais na espécie humana, e dos meios com que o educador pode atuar sobre essas causas, afim de atingir, para o indivíduo, o máximo de saúde e de eficiência quer física quer mental (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p.16).

Apesar de não ser o foco desse artigo, mas nos serve para uma análise a partir da exterioridade da obra, mencionamos sucintamente os atravessamentos do movimento eugenista na escrita do livro. O Professor Antonio Almeida Junior, se dedicou a escrita de um capítulo do livro sobre eugenia, muito embora, assuma essa condição como ineficiente no Brasil, haja vista a miscigenação desde a colonização portuguesa, sendo então inviável branquear a população brasileira. Contudo, o autor acreditava, como dito anteriormente, no melhoramento ou na purificação da raça pela educação. Ou seja, a eutecnia [educação higiênica], a qual o professor, sobretudo o primário teria maior êxito haja vista, a “plasticidade do cérebro infantil” (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 556) atuando como ortopedista social<sup>10</sup> possibilitando, o selecionamento e disciplinamento de sujeitos, por meio do binômio saúde-eficiência. Esses sujeitos saudáveis e, portanto, eficientes teriam mais chances para o matrimônio e assim, uma família saudável faria a mortalidade infantil diminuir e aumentar os indicativos da prevenção e tratamento de moléstias. Desse modo, sujeitos sadios constituiriam, como em termo biológico, uma população viável capaz produzir bens, ou seja, a viabilidade não seria somente reprodutiva, mas também econômica.

## UMA PEDAGOGIA PARA A VIDA EFICIENTE: A HIGIENE

Se a eugenia visava escolher os genes ou, para usar o termo da época, o plasma hereditário, a eutecnia dava condições de selecionar o ambiente. Segundo o professor Almeida Junior (1944), eugenia e eutecnia se

---

<sup>10</sup> Para Foucault (2005), ortopedia social está ligada a sociedade disciplinar, oposta a sociedade penal. Sendo assim, a ortopedia social se constitui em inúmeros mecanismos de vigilância, disciplinamento com o intuito de normalizar os sujeitos. Nesse artigo, o modelo do normal era o sujeito branco, urbano, sadio e trabalhador.

complementavam, pois relacionavam a boa geração com o bom desenvolvimento. Sendo assim, a educação higiênica estava dentro do escopo da eutecnia, fazendo uso dos fatores ambientais como o clima, os germes, a alimentação, os tóxicos e os exercícios físico e mental, atuando como uma pedagogia, prescrevendo, orientando e conduzindo condutas. A partir dessa argumentação, a escola constituía-se como lugar privilegiado do discurso médico-pedagógico no que se refere à vida saudável, pois, segundo Almeida Junior, na educação escolar prevaleciam às condições morais e sociais que, ao fim e ao cabo, produziriam em colaboração com o Estado e as políticas sociais, um cidadão com bons hábitos, moralmente asséptico, fisicamente saudável e de capacidade intelectual exímia.

Dessa forma, inspirados em Foucault (1977), ressaltamos que a escola opera juntamente com a família [boa geração] a produção desse tipo específico de sujeito [eficiente], ou seja, a eutecnia sozinha não dá conta desse processo disciplinador, pois ele escapa dos muros da escola. Assim, a vigilância sofre um processo de virtualização, transpondo a dependência da arquitetura institucional, não fazendo a disciplina desaparecer, mas somando forças a ela. Num outro modo de olhar essa relação entre Estado, saúde pública, escola, família e população percebemos que ao transpor os limites arquitetônicos das instituições disciplinares, o controle se expande, não mais se limitando ao corpo dos sujeitos, mas a sua vida, tanto no nível individual como da população. Podemos dizer então que a congregação de forças [virtualizadas] dessas instituições horizontalizam a ação do poder, deixando de ser somente disciplinar, docilizador, mas de condutor, de produtor de previsibilidades, capaz de moldar e modular a vida da população: o biopoder.

Essa maquinaria composta de instituições disciplinares e de enunciados sobre a moral, a vida saudável e dos bons costumes compõem um dispositivo<sup>11</sup>, que visa controlar e conduzir a vida dos sujeitos, tal como aparece no seguinte excerto:

Na educação, prevalecem os agentes morais e sociais: a influência da família, da escola, da sociedade. A Higiene visa especialmente proteger e melhorar o

---

<sup>11</sup> A partir de Foucault, dispositivo é uma maquinaria heterogênea composta por enuncias, discursos, arquiteturas, modos de assujeitamento, as leis, os mecanismos de dominação de um determinado momento histórico que faz ver e faz falar sobre um determinado elemento, por exemplo, o sexo e as práticas sexuais no século XVIII na Europa. (REVEL, 2005).

físico do indivíduo; a Educação encarrega-se precipuamente de preservá-lo dos maus hábitos, das contaminações morais, e procurar estimular a capacidade motora (educação física), a inteligência (educação intelectual), a formação da individualidade moral (educação moral) (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 550).

Assim um importante mecanismo desse dispositivo era a educação higiênica nas escolas, defendida sobretudo pelo Movimento Sanitarista [por volta do ano de 1918, o movimento cobrava ações do governo federal, no que se refere às medidas para a saúde da população]. A pressão dos integrantes do Movimento Sanitarista [médicos, advogados, ruralistas, políticos] deu condições para a criação do Ministério da Saúde em 1920, mas, até a entrada de Getúlio Vargas em 1930, os sertões do Brasil continuavam desassistidos por profissionais da saúde (LIMA, 2002). Na década de 1930, a vinculação do Ministério da Educação com a Saúde Pública e o cenário da situação dos sertões brasileiros, nos dão pistas da estratégica articulação entre saúde pública, higiene e educação escolar.

O foco da educação higiênica na escola estava sobretudo em atingir as regiões rurais, onde os que lá viviam, supostamente, não teriam condições mínimas para autogerir os cuidados com a saúde e, muito menos, ensinar aos seus filhos, mantendo o status quo da miséria, da falta de higiene e da doença, estereotipado por Monteiro Lobato<sup>12</sup> por meio do personagem Jeca Tatu. Dessa forma, a figura da professora primária seria, [apesar de invisibilizada] a única representante do Estado nos rincões do Brasil, cabendo a ela atuar como uma sentinela da civilização, já que, as políticas de saúde coletiva não eram previstas para esses lugares. Dessa forma, a professora mesmo contra sua vontade era convocada ao ofício de educadora, médica, enfermeira, daqueles povoados e responsável por produzir corpos e condutas saudáveis [ou eficientes nos termos do professor Almeida Junior]. Tal como mostra o excerto abaixo:

O engenheiro de viação, a autoridade policial ou judiciária, o inspetor agrícola, o inspetor sanitário, quando surgem de longe em longe na zona rural, aí permanecem 24 horas e regressam à cidade, para só reaparecerem no ano

---

<sup>12</sup> Monteiro Lobato era ligado a Sociedade Eugênica, criada em 1918 e ao movimento sanitário. Proferia críticas racistas ao situar o problema da saúde brasileira da época se no povo de raça supostamente, fraca e sem educação higiênica (LOBATO, 1956 apud SANTOS, 1985). A criação do personagem Jeca Tatu era visão do caipira para o escritor.

seguinte. O professor primário, não. Vai à roça, aos mais recônditos sertões do Estado, e fica de bom ou de mau grado, de fevereiro a novembro, como sentinela avançada da civilização. Nesse papel poderá êle tornar-se (em grande parte já é) um corajoso bandeirante da saúde (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 557).

A partir do excerto acima, o conceito de professora primária está intimamente ligado ao de missionária e a escola como uma extensão da família. Nessas condições, um possível enunciado da professora-mãe poderia ter atravessado aquelas práticas escolares. Já que, a escola era vista com um lugar de transformação do sujeito rural em sujeito eficiente por meio de um discurso médico-pedagógico e a professora como porta-voz autorizada desses discursos. Conseqüentemente, ela seria responsável pela transformação e pela produção de uma nova realidade na zona rural. O professor Almeida Junior posiciona os sujeitos rurais, aqueles que tem educação higiênica adequada, como menores e incapazes. Nesse sentido, a educação aparece como um mecanismo desenvolvimentista e salvacionista, [do Estado personificado na professora-mãe] atuando como a solução para a produção do cidadão capaz de autovigiar-se e cuidar-se, e livre de doenças graças a eficiência adquirida pela educação higiênica. O excerto abaixo nos dá pistas dessas relações:

A educação higiênica representa uma das melhores formas de proteção individual contra a doença. Pelos processos anteriores [saneamento, vacinação, nutrição] o indivíduo é defendido por outros, e, especialmente, pelas instituições sanitárias: Antes dela, êle é, do ponto de vista da Higiene, um “menor”, um “incapaz”, que precisa da tutela ininterrupta dos demais. Pela educação higiênica, aprende a defender-se por si mesmo (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 554).

Assim, a educação higiênica integrava um conjunto de práticas, normas e conhecimentos que ao serem ensinados visavam a produção de um sujeito capaz de cuidar-se e autovigiar-se. Dessa forma, essas relações de saber prescreviam condutas endereçadas às futuras professoras e aos professores da escola primária, sobretudo por uma noção de criança acultural ou como um



corpo e uma mente [divisão proposital] em branco, que não teria maus hábitos, ou vícios. A partir dessa argumentação, podemos também propor que a articulação da educação escolar e da educação higiênica agiria sobre as condutas da criança sertaneja, criando o que se denominaria de bons hábitos. Disso decorre a necessidade de começar a educação higiênica desde cedo, pois, segundo o autor:

A educação primária é o eixo da educação higiênica. Sua ação se exerce sobre o cérebro infantil ainda plástico, virge de defeitos graves, e pode, por isso, inculcar-lhe um sistema duradouro de hábitos, assim como as noções básicas para a orientação da conduta futura (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 556-557).

Destacamos, novamente, a invisibilidade feminina na escrita do livro didático direcionado à formação da professora primária, constituída por discursos de sacrifício, renúncia e salvação dos necessitados, configurando-se como a professora mãe, que ocupava os bancos da Escola Normal e, posteriormente, as escolas rurais. Tal como afirma Rocha (1997), a professora mãe endereçava suas ações pedagógicas não somente para as crianças, mas para as suas mães, tornando-as mães higiênicas, capacitadas a criar filhos saudáveis, contribuindo para o combate das doenças. A esse discurso articulava-se outro, não dito, o qual se referia a noção da transmissão hereditária da inteligência ou dos maus costumes, por isso a importância de capacitar as mães, não somente para se tornarem supostamente, boas mães, mas para padronizar e normalizar o comportamento da mulher, transmitindo bons costumes. Essa relação da professora primária, atuando sobre a conduta dos sertanejos a fim de combater doenças é apresentada no seguinte excerto:

Como só o professor primário tem contacto direto diuturno com as crianças espalhadas no nosso vasto “hinterland”, é a êle, que se deve confiar o combate às parasitoses intestinais, como a difusão dos bons princípios sanitários entre os escolares da zona rural. O Posto de Higiene agiria como um instrutor e coordenador das novas funções sanitárias, que pesariam diretamente sobre os ombros do professor primário rural (FOLHA MÉDICA, 1938 apud ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 558).

O discurso médico-pedagógico, ao integrar a capacitação da professora e do professor da escola primária, tinha na função da escola e na figura da professora elementos para sua dispersão no campo social, especialmente no meio rural. Nessa nova ordem, o conhecimento empírico da população rural era visto como inferior, menor, cabendo a professora não somente ministrar saberes da higiene, como também atuar como profissional da saúde, mesmo não sendo vista e reconhecida pelo Estado e pela medicina como profissional da saúde. Talvez, seja essa mais uma dimensão do enunciado direcionado à professora mãe e cuidadora, que presta seus serviços de forma altruísta, buscando a salvação daqueles menos favorecidos. Para entender essa relação da professora - educação higiênica - criança, podemos recorrer a noção de poder pastoral<sup>13</sup> de Foucault (2008), pois para o filósofo a relação de poder entre o pastor e o pecador, se dava primeiramente pelo temor a Deus, esse temor fazia esse sujeito confessar seus pecados e dessa ação o pastor o absolveria, salvando sua alma. Muito embora, toda uma relação e articulação de micropoderes atravessasse essa cena.

Na relação professora-criança também se estabelece uma relação assimétrica de poder, tal como a pastor-pecador, a criança confessa a falta de higiene ou os maus costumes, sobretudo pela doença e a professora convoca para si o poder da salvação, nesse mundo, através da educação e da saúde. No entanto, essas assimetrias vão para além da professora primária e das crianças sertanejas. No livro em análise o professor Almeida Junior, traz uma menção, de autoridades do Serviço Sanitário do Instituto Oswaldo Cruz feita em agosto de 1936, quando um dos representantes do referido departamento indica que os professores primários da zona rural fariam além das funções docentes, os tratamentos relacionados ao combate da malária. Assim, temos uma ordenação entre as instituições pedagógicas e médico-sanitárias - as docentes da escola primária- os alunos e alunas da zona rural e suas famílias. Essa rede de controle se articula sobre a produção de um novo modelo de professor (a), missionário, salvador e assistencial [em saúde]. Como pode ser evidenciado no excerto:

Serão instalados, nas escolas rurais e grupos escolares, a juízo da Diretoria de Ensino e do Serviço Sanitário, postos de assistência, incumbindo-se diretores e

---

<sup>13</sup> A aula de 8 de fevereiro de 1978, da obra *Segurança Território e População*, Foucault (2008) de forma detalhada explica o poder pastoral e a ação deste sobre a conduta dos outros.

professores de ministrar tratamentos simples, segundo indicação médica (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p. 558).

De acordo com Rocha (1997), o ensino da higiene endereçado às futuras professoras da Escola Normal deveria ser estritamente prático. Ao se referir às fichas escolares, a autora afirma que as professoras registravam os principais problemas, o que seria feito e a moléstia que assolava aquele aluno, que se tornava naquele momento, visível às novas lentes da higiene escolar. Essas fichas, segundo Rocha (1997), serviam como registros da possibilidade de normalização ou da exclusão daquele que desviava dessa nova ordem do saber. Para finalizar, destacamos que as orientações curriculares para o ensino da disciplina de Higiene escolar – os professores não são médicos e basta aprender e aplicar noções básicas de higiene sob a tutela das autoridades sanitaristas – para direcionar as diretrizes do ensino de Higiene na Escola Normal e o papel da professora e do professor como porta-voz das práticas de higiene fica evidenciado no excerto abaixo.

Para prestar êsse auxílio, não precisam os professores aprofundar-se em conhecimentos médicos nem adentrar-se em intervenções terapêuticas que poderiam colocá-los em dificuldades com a lei reguladora do exercício da medicina. Ao contrário: nesse particular é indispensável a maior prudência. Basta, entretanto, que aprendam, pratiquem e façam praticar algumas noções bem claras de Higiene; basta que se disponham a executar, sob a direção das autoridades sanitárias (e com justa remuneração paga pelo Departamento de Saúde), alguns serviços fáceis de profilaxia ou de tratamento contra (ALMEIDA JUNIOR, 1944, p.559).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao procedermos com a análise da educação higiênica a partir do livro *Biologia Educacional: noções fundamentais*, escrito pelo professor Antonio Ferreira Almeida Junior (1944), percebemos o funcionamento enunciados relativos às diferenças biológicas e culturais dos sujeitos. Essas práticas são autorizadas pelo discurso médico-pedagógico que determinam os lugares que os sujeitos ocuparão na sociedade, tal como o lugar da professora primária, do



aluno zona rural e dos não eficientes. No capítulo Higiene e Educação os sujeitos são divididos [ainda que de forma fluída, não dita propriamente] em urbanos e rurais. Aquele sujeito que não passou ou passa pela educação escolar e possui, também, um aparato orgânico dito desfavorável torna-se um sujeito menor, refém não somente da sociedade, mas também da sua anatomia.

O corpo caipira, doente e sem acesso à educação escolar configura-se como lugar de inscrição de relações de saber/poder onde articulavam-se enunciados e práticas da educação, saúde e higiene, que visavam o seu controle e o aproveitamento econômico. A notória aceitação do livro [22 edições] nos permite estabelecer uma analítica do poder, e pensar que a entrada da Biologia Educacional para o currículo da Escola Normal, se deu a partir do discurso da transformação social, da nova escola e de um novo Brasil. A reforma social deu condições de possibilidade para se pensar em um novo modelo de escola e de educação escolar a qual investiria esforços, para produzir um novo modelo de aluno(a) cidadão(ã), que, de uma forma ou de outra, era pensando a partir de um modelo elitista, branco, masculino e urbano (VIVIANI, 2005). Idealizado a partir de um modelo de reforma social europeu (VIVIANI; MARCHAM, 2008), ou seja, diametralmente oposto a construção histórica do sujeito caipira, pois, para que a transformação social efetivamente ocorresse, antes era preciso transformar o caipira doente em um trabalhador eficiente sobretudo, pela educação primária.

Nesse contexto, a professora primária da zona rural foi convocada a tornar-se pastora de seus alunas e alunos, transmitindo os discursos que funcionavam como verdades no livro. Assim o intuito de sanear os rincões do Brasil, não colocava na linha de frente os médicos e demais profissionais da saúde, mas sim por professoras, missionárias, abnegadas e supostamente imbuídas de uma essência materna. Dessa forma, por meio das intenções de reforma social também produziu-se um modelo de professor e professora, sobretudo o modelo da professora maternal, que ocuparia o cargo de professora primária da escola rural e com isso, fica evidenciado um importante atravessamento do gênero, no corpus da pesquisa, uma vez que, a Escola Normal fora escolhida como lugar de articulação entre saúde pública e transformação social, talvez por se pensar em um modelo universal de professora, aquela ligada à mãe e ao cuidado. Essa visão maternal da educação presente no livro, pode estar vinculada a presença maciça de mulheres na Escola Normal.

A noção de mãe cuidadora ou aquela que cuida da saúde do filho tinha na educação higiênica a ferramenta para zelar pela saúde de seus alunos e

consequentemente, controlar suas condutas. Nesse sentido, a partir do discurso médico-científico sobre saúde e higiene e o ideal da professora cuidadora, a educação higiênica se tornou uma importante pedagogia para a eficiência, criando condições para o disciplinamento e a normalização de corpos e da população pelo viés da vida saudável e eficiente. Nessas condições, a universalização da escola [condição que se alinhava aos ideais reformistas da educação brasileira da época] criou estratégias disciplinares e biopolíticas, articulados aos interesses do Estado, com a finalidade de produzir um ortopedista social, a professora primária, que de uma forma ou de outra apaziguaria as demandas sociais para a saúde pública.

Por fim, cabe ressaltar um discurso não dito: a diferença, ela existe e é percebida por aqueles que pensam a educação e a mudança social, tanto que ela é reiteradamente invisibilizada tal como, os discursos do gênero. A mulher, por exemplo, não aparece em nenhum momento, no capítulo em análise, sequer como a professora. Todavia, como já dito, na sua maioria o Curso Normal era direcionado a moças brancas da classe média, vistas como missionárias, constituídas a partir de um misto de bondade, renúncia e técnica, como afirma Rocha (1997). Sendo assim, o que se pode colocar em evidência até aqui é que o capítulo do livro fora pensando não somente como um manual para futuras professoras e professores, mas também como um produtor da identidade docente para a época a qual deveria pedagogizar a eugenia por meio da higiene, a fim de invisibilizar ou excluir as diferenças.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Antonio Ferreira. *Biologia Educacional: noções fundamentais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 1999.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*, São Paulo: Ática, 2006.

GANDINI, Raquel. *Almeida Júnior*. Recife: Editora Massangana, 2010.

HOCHMAN, Gilberto. Reformas, instituições e política de saúde no Brasil (1930-45). *Educar em Revista*, n. 25, p. 127-141, out. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n25/n25a09.pdf>>. Acesso em 25 mar.2018.

LIMA, Nísia. Trindade. O Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde: uma história de três dimensões. In: FINKELMAN, Jacobo (org.). *Caminhos da saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002, p. 24-116.

PINHEIRO, Marta. A Biologia Educacional e os Fundamentos da Educação: o caso do Paraná. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), n.85, p. 63-69, 1993. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/952/956>>. Acesso em 25 mar.2018.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Professora primária: uma missionária.<sup>2</sup> *Revista de Educação* (Campinas), v. 2, p. 15-21, 1997. <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/download/454/434>>. Acesso 25 mar. 2018.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. *Revista de Ciências Sociais*, v.28, n.2, p.193-210, 1985. Disponível em: <<http://www.bvshistoria.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/antologias/eh-594.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. São Paulo. Autêntica, 2007.

VIVIANI, Luciana Maria. A disciplina Biologia Educacional e seus professores paulistas: diversidade de formação e de práticas profissionais. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v.4, p. 85-102, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/viewFile/2221/1892>> Acesso em: 25 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Formação de professoras e Escolas Normais paulistas: um estudo da disciplina Biologia Educacional. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 2, p. 201-213, mai-ago, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a04v31n2.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *A Biologia Necessária: formação de professoras e escola normal*. Belo Horizonte: Argvmentvm; São Paulo: FAPESP, 2007.



VIVIANI, Luciana Maria; MARCHAN, Geisiele da Silva. Almeida Jr. e a produção de modelos paulistas de ensino higiênico e renovador: participações em encontros científicos das décadas de 1920 a 1940. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 5, 2008, Aracaju. Anais... Aracaju: UFS/UNIT, 2008.

VIVIANI, Luciana. Maria; BUENO, Belmira. Oliveira. A Biologia Educacional nas Escolas Normais paulistas: uma disciplina da eficiência física e mental. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 19, p. 43-65, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v19n1/v19n1a03.pdf> >. Acesso em: 25 mar. 2018.

*Recebido em 05/06/2018*

*Aprovado em 09/09/2018*